

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY
RIBEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM
CURSO DE GRADUAÇÃO DE BACHAREL EM ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA
INTRODUÇÃO À ECONOMIA

Resenha: Da escassez absoluta à relativa

Docente: Joseane Souza

Discente: Wellington Silva

Campos dos Goytacazes - RJ

Março - 2021

1 Crescimento: um fenômeno recente

Desde o auge do Império Romano ao início do século XVIII, praticamente não houve crescimento, provavelmente estagnado. Superando a estagnação somente no século XIX por intermédio da Revolução Industrial, obtendo 1,5% ao ano. O século XX superou o antecessor, crescendo 3% ao ano. Além disso, ocorreu o crescimento populacional de 1,4% ao ano. Portanto, a população mundial passou de menos de 500 milhões, para mais de 7 bilhões de pessoas, em um espaço de três séculos. Já no século XXI, ocorreu decréscimo econômico ($> 2\%$) considerado inaceitavelmente baixo. Destarte, a taxa de crescimento exponencial é insustentável ao decorrer do tempo, sem criar desequilíbrio econômico, por exemplo, o crescimento de 1% ao ano, se mantido por 30 anos, o espaço de uma geração, mais do que dobra a renda dos filhos em relação a de seus pais.

Conclui-se que a taxa de crescimento demográfico mundial é parte do crescimento da renda. Assim, uma vez interrompido o crescimento demográfico e atingida a fronteira tecnológica, será preciso contar com o avanço da tecnologia para garantir o crescimento da produção e da renda.

2 O modelo de referência movido a progresso tecnológico

O modelo de Solow-Swan, ou modelo referência do crescimento defende que o quanto mais se poupa e se investe, mais se cresce, porém atingida a relação capital/produto de equilíbrio de longo prazo, o crescimento se torna independente da taxa de poupança e de investimento, de modo a depender apenas do progresso tecnológico.

Fatores explicativos do progresso tecnológico estão relacionados à educação e à pesquisa. Apesar da Revolução da Informática o crescimento econômico e populacional deverão se estabilizar dentro de algumas décadas. Entretanto, isto não implica em o declínio da qualidade de vida, ao contrário disso, poderá continuar a melhorar, somente produção de bens que não possui viabilidade continuar a crescer indefinidamente.

3 Missão cumprida para Produto Interno Bruto

Conceito abstrato adotado em 1924 para quantificar o valor aproximado da economia, antes utilizava a quantidade habitantes para expressar a economia do país. Simon Kuznets incrementou parâmetros tendo objetivo de quantificar toda a produção em determinado período de tempo a fim de tornar a medida mais confiável e fiel a realidade econômica. Tendo a prioridade o setores agrícola e industrial, porém desconsiderou as transações comerciais e o setor de serviços não remunerados, ou seja, poderia ter uma falsa medida de riqueza.

“Se todas as donas de casa fossem contratadas para tomar conta das de suas vizinhas e usassem o que recebessem para pagar a vizinha contratada para tomar conta da sua própria casa, renda nacional teria um aumento expressivo.”

Resende (2014)

Logo, ao decorrer das décadas a mudança nos setores econômicos tornou o PIB obsoleto a realidade contemporânea. Já que a correlação entre renda e bem estar é alta enquanto as necessidades básicas não estão atendidas, mas perde força à medida que a renda cresce e a escassez absoluta se reduz.

4 Menos crescimento, mais desigualdade

O objetivo primordial da atividade econômica é reduzir a escassez, por intermédio do aumento da produção e da renda. O ideal democrático das sociedades modernas estará ameaçado, se não adotar políticas especificamente voltadas para reverter o processo de reconcentração da riqueza, conforme menciona Piketty (2013). Portanto, se a taxa líquida de retorno do capital for superior à taxa de crescimento da economia, haverá um aumento da relação entre a riqueza. Assim, o aumento da relação capital/renda implica o aumento da desigualdade. Tendência que só é interrompida em períodos excepcionais, turbulentos, como durante as grandes guerras ou as grandes recessões. A teoria do crescimento adota uma definição mais restrita de capital - apenas bens que fazem parte do processo produtivo, excluindo obras de arte, jóias, propriedades residenciais, entre outras, que são certamente riqueza.

5 A Substituição do trabalho pelo capital

O modelo neoclássico de crescimento sustenta que se os fatores de produção, capital e trabalho têm rendimentos decrescentes. Piketty (2013) relata que enquanto a taxa de retorno do capital for superior à taxa de crescimento, a parcela do capital na renda aumentará. Então, se o retorno do capital for mais alto do que o crescimento da economia, a renda dos que têm capital aumentará mais do que a renda dos que vivem do trabalho. Assim, os indivíduos que possuem capital apropriam-se de quase toda a renda, tornando altamente improvável que se possa acumular capital a partir da renda apenas do trabalho. Logo, a sociedade desigual, onde não há risco de perder a fortuna herdada, nem esperança de enriquecer, é seguramente incompatível com a democracia, conforme ilustra a Figura 1.

6 Velhas e novas fortunas

Nem toda a recente concentração de riqueza pode ser explicada pelo argumento de que a taxa de retorno do capital é superior à taxa de crescimento da economia. A tese defendida por Piketty (2013): se o retorno do capital é superior à taxa de crescimento econômico, a renda

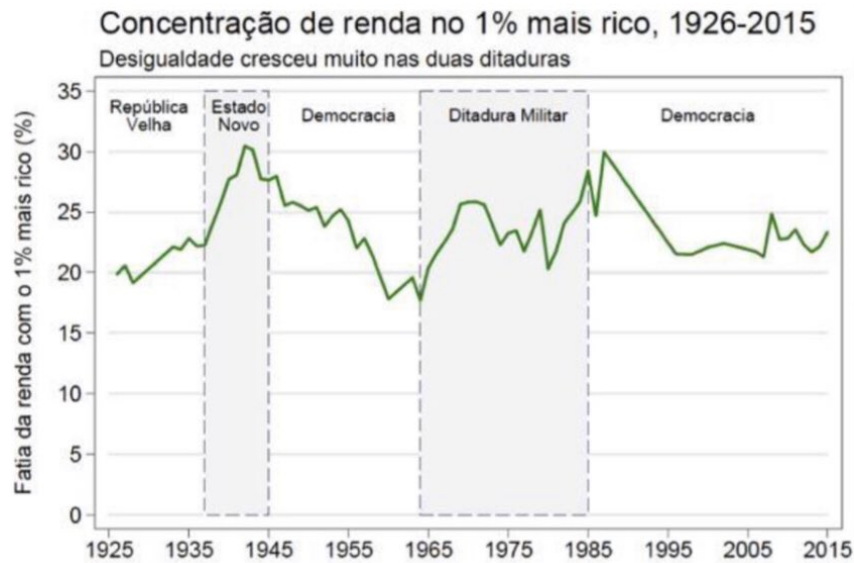


Figura 1 – Concentração de renda no Brasil durante 1925 à 2015. Adaptado de Souza (2016) a partir de tabulações de dados tributários e das Contas p.221

se concentra. Logo, se o retorno do capital é superior à taxa de crescimento desaparece a possibilidade de novas fortunas, retornando às sociedades estáticas e estratificadas, baseadas na herança e incompatível com a democracia, em virtude que a democracia tolera a desigualdade como fruto do mérito e do trabalho, mas não como fruto do privilégio e do nepotismo.

7 O Estado agente de interesses próprios

A proposta de Piketty (2013) para reverter a nova tendência de concentração mundial da renda é a criação de um imposto mundial sobre a riqueza. Entretanto, Resende (2014) relata que isto pode levar a fuga de capital em busca de condições mais favoráveis e o Estado já atingiu o tamanho máximo com a atual capacidade de sua gestão, de modo que o imposto não é a solução. Sendo, uma alternativa o estudo da viabilidade de reduzir a concentração e de democratizar a propriedade do capital

Wilkinson e Pickett (2010) concluem que existe correlação negativa entre a desigualdade de renda e da riqueza, ou seja, a desigualdade excessiva é corrosiva, reduz a coesão social e inviabiliza a democracia.

8 A tecnologia para o bem e para o mal

A Revolução da informática demonstra que a inventividade humana não dá sinais de arrefecimento. No entanto, a automação aumenta a produtividade e reduz o emprego. Portanto, concentrando a renda, mas isto não implica sobre a qualidade de vida da sociedade.

9 O desafio da Escassez Relativa

A economia capitalista do século XX foi propensa ao desequilíbrio, que foi ajustada pelo remédio keynesiano, no qual foi suficiente para garantir o crescimento até o final daquele século. No século XXI, a pauta é garantir que todos tenham acesso ao produzido, se tornou a questão central do mundo contemporâneo e com a abundância e menos perspectiva de melhora, a desigualdade fica menos tolerável. Não obstante, a perspectiva de congelar, ou mesmo de agravar, a desigualdade da renda e da riqueza entre os países.

A Revolução da informática mantém a produtividade do capital, porém não a demanda do emprego. Assim, contribuindo para a concentração de renda e da riqueza, por conseguinte passamos da era da escassez absoluta para a da escassez relativa.

Conclui que os desafios da escassez relativa impactam a sociedade do século XXI. O regime democrático se demonstra a melhor alternativa para combater a desigualdade (DAHL, 2001) e o Brasil comprova tal fenômeno no século XX e XXI, conforme a Figura 2 (SOUZA, 2016).

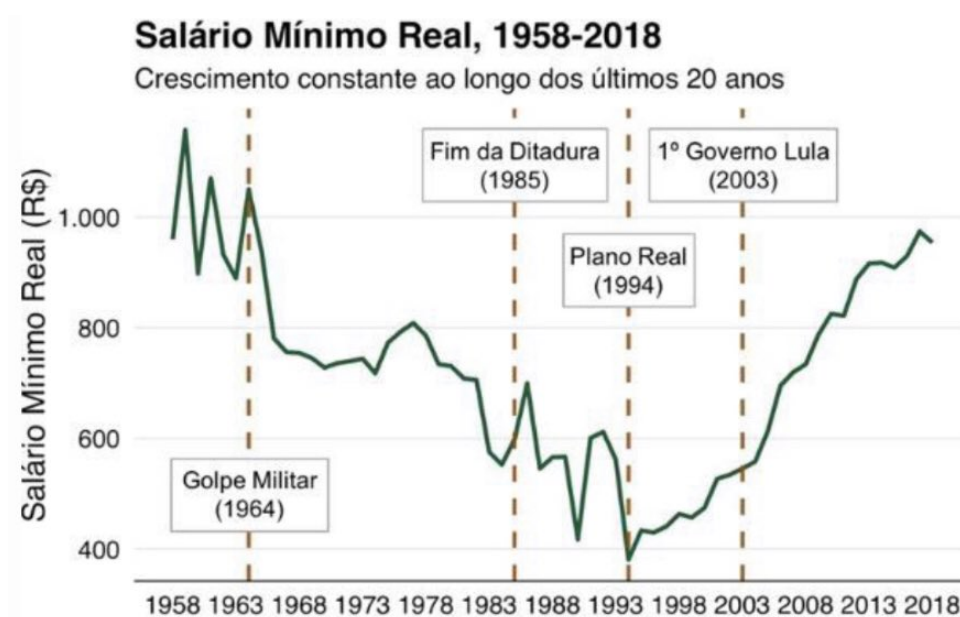


Figura 2 – Concentração de renda no Brasil durante 1925 à 2015. Adaptado de Barros, Foguel e Ulyssea (2006) p.231.

Referências

- BARROS, R.; FOGUEL, M.; ULYSSEA, G. Desigualdade de renda no brasil: uma análise da queda recente. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2006.
- DAHL, R. A. *Sobre a democracia*. [S.l.]: UnB, 2001.
- PIKETTY, T. *Le capital au XXIe siècle*. [S.l.]: Média Diffusion, 2013.
- RESENDE, A. L. Da escassez absoluta à relativa: riqueza, crescimento e desigualdade. *Textos Para Discussão, Rio de Janeiro*, n. 29, 2014.
- SOUZA, P. H. G. F. d. A desigualdade vista do topo: a concentração de renda entre os ricos no brasil, 1926-2013. 2016.
- WILKINSON, R.; PICKETT, K. The spirit level. *Why equality is better for everyone*, 2010.